

INSPIRE-C)

INSPIRAÇÃO, REFLEXÃO E ÉTICA
CONHECIMENTO E DINAMISMO

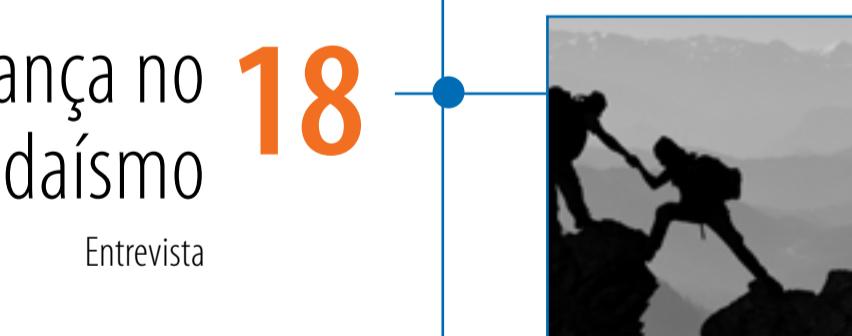
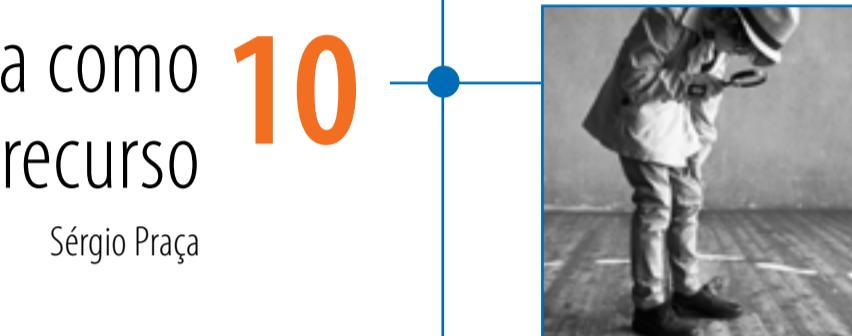
EDIÇÃO
NÚMERO

05 MAIO/
ANO 2 JUNHO 2018

Confiar desconfiando
é a solução?



- 04** Editorial
- 06** Ao bem-amado
Mainá Santana
- 10** A confiança como último recurso
Sérgio Praça
- 14** A confiança no desenvolvimento psíquico da criança - Uma visão junguiana
Patricia Teixeira
- 18** O valor da confiança no Judaísmo
Entrevista
- 24** Iniciativas Colaborativas, Coletivas e Solidárias
Seção Culture-c - Vários autores



Amigas e amigos leitores!

Neste mês completamos um ano de revista INSPIRE-C e é impossível não repetir expressões do senso comum: "Como o tempo voa!", "Parece que foi ontem!".

Realmente parece que começamos ontem a revista. Lembro-me muito bem do dia em que conversei com os sócios-proprietários do Espaço Ética para lançar a ideia da revista. Foi uma conversa rápida. Apesar de ter feito uma apresentação com muitos slides, ficamos no bate-papo mesmo, sem formalidades. Hoje entendo que quando os chamei para apresentar a ideia de como seria a INSPIRE-C, o que realmente estava por trás de tudo aquilo era confiança.

Sinal verde dado pelos proprietários do capital, era tempo de começar a pensar nas pessoas que comporiam o time. Sem saber muito bem por onde começar, lembrei-me do mais óbvio: telefonei para uma amiga jornalista e marcamos um café.

Com o notebook ligado durante o encontro, fui passando a apresentação de como seria a revista INSPIRE-C. Acho que nada daquilo estava muito claro, pois minhas palavras e os slides misturavam empresas com arte, sociedade, diversidade, educação. Resumindo: era uma salada. Mas novamente senti que ela estava confiando em algo maior do que eu dizia ou mostrava na tela do notebook. E com tantos cliques, vai e volta, porque parece que os computadores de vez em quando ficam com soluço, acabei dando dois, três cliques seguidos e a apresentação pulou cinco slides. Ouvi um "Putz!", senti um frio na barriga e, logo em seguida, "Que ideia legal!".

Ela estava retomando um projeto antigo que juntava jornalismo com educação e por isso não poderia participar diretamente da revista, mas de bate-pronto falou de dois profissionais que talvez topassem trabalhar como freelancers. De imediato liguei para eles e deixei recados nas respectivas secretárias eletrônicas.

Enquanto aguardava o segundo ônibus (um ano atrás, meu trajeto de volta para casa era feito tomando dois ônibus), o Rodrigo ligou dizendo que havia ouvido meu recado e que topava o trabalho. Quer mais confiança que isso? No dia seguinte, conversei com a Sula, e antes mesmo de explicar qual era a ideia da revista, ela disse: "Eu topo participar desse projeto!".

Com Sula sugerindo nomes e agendando as entrevistas, Rodrigo de videorrepórter e eu de entrevistador, partimos para a primeira missão, com o publicitário Washington Olivetto. Em seguida, entrevistamos o médico Paulo Saldiva e, por fim, os executivos Luiz Roberto Carvalho e Carlos Netto.

Óbvio que tudo foi realizado com base na mais pura confiança. Nunca tinham ouvido falar da INSPIRE-C, e eu, sem poder ajudar muito, deixava transparecer a inexperiência como entrevistador. Mas todos confiaram que, por trás daquela explicação básica e confusa sobre a proposta da revista, poderia haver algo de interessante.

Em seguida, outras pessoas passaram a confiar no projeto e foram somando-se a ele. Carol na diagramação, Hebe na revisão, Mainá nas colunas *Culture-C* e *Arte em Vo-C* e, mais recentemente, as irmãs Marcella e Aline nas mídias sociais. Hoje formamos uma equipe com dez pessoas que colaboram com a revista INSPIRE-C na mais pura confiança de que podemos

deixar uma contribuição social, publicando matérias que abordam temas relacionados à humanidade e que sempre estarão presentes onde houver atividade humana.

A cada um de vocês, Carol, Hebe, Mainá, Karina, Marcella, Aline, Sula, Clóvis e Rodrigo, agradeço de coração a confiança que depositam na INSPIRE-C. Aos leitores, deixo minha eterna gratidão por confiarem em nosso trabalho e por buscarem nas matérias da revista um pouco do entendimento sobre si mesmos. E assim espero que não seja diferente nesta quinta edição, que trata do tema confiança.

Abraços,
Ronaldo Campos
ronaldo@revistainspirec.com.br



Foto:Divulgação

Revista INSPIRE-C

Revista Institucional do Espaço Ética – Serviços de Palestras, Ensino, Capacitação e Assessoria Sociedade Empresária Limitada. (www.espacoetica.com.br)

INSPIRE-C é uma publicação bimestral da empresa Espaço Ética direcionada ao mundo corporativo articulando conhecimentos acadêmicos e empresariais, ligados principalmente à ética.

A Revista INSPIRE-C publica múltiplas expressões para cada tema em suas edições bimestrais, valorizando a diversidade de opiniões num espaço democrático. Ela não se responsabiliza pelas opiniões de terceiros e tem a prerrogativa das publicações.

Editor responsável

Ronaldo Assais Ribeiro Campos – ronaldo@revistainspirec.com.br

Sub-editoria de cultura

Mainá Santana – maina@revistainspirec.com.br

Diretores Institucionais

Karina de Andrade Macieira
Clóvis de Barros Filho

Design, Diagramação e Projeto Gráfico

Ana Carolina Ermel de Araujo

Fotos: DepositPhotos.com

Revisão

Hebe Ester Lucas

Mídias Sociais:

Marcella Erédia
Aline Erédia

Colaboradores

Maria Cristina Poli
Sula Vlachos
Rodrigo Leitão

Assinatura, sugestões e reclamações

ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

Comercialização

ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
Cidade: São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

Ao bem-amado

Mainá Santana



**confiança
amor
casamento
greve
comida**

Uma carta de amor em tempos de desconfiança.

Sabe. Pode parecer meio adolescente, mas eu acho impossível apenas viver um grande amor. Sempre haverá conflito, armamento e desarmamento, pessoas passando fome ao meu lado e sei que sempre é uma palavra muito forte, mas não vejo muitas soluções possíveis no breve tempo do meu existir, meu amor. É doce o sabor da sua boca e nós dois sabemos o quanto o mundo não gira em chocolate; ainda bem, pois seríamos todos diabéticos. Pelas gargantas sai o amargo da bile, a digestão malfeita do medo de faltar comida, medo de não ter mais carro, medo, medo, medo. Não confiamos em nossos governantes, descobrimos meio no susto que eles governam a lógica de nossas casas porque deixamos isso acontecer pouco a pouco, basta uma canetada e nossa filha de 6 anos não tem fruta pra comer e carro pra chegar à escola. Ao mudar o meio de transporte, passamos a tropeçar, você e eu, nas incoerências de encontrar a família na calçada com uma criança como a nossa aprendendo a nos despertar o olhar de complacência, manipulando nossos sentimentos com a única arma que ela tem. Imagine, fazer isso com a gente, nos causar tamanha dor! Nós a julgamos como julgamos os nossos pares de classe, credo, cor, caixa qualquer em que queiramos nos definir, pois

se queremos um mundo mais igualitário, então precisamos tratá-los como iguais, ainda mais nesses tempos em que aquela família e a nossa se parecem tanto na falta de alimentos. Somos todos família.

Dói a nossa distância, assim como dói a criança nos relembrar nossa própria habilidade de manipulação. Concorremos nas mesmas jornadas, nos mesmos editais e processos de venda do nosso trabalho, e se eu consigo algo é porque *sou* (engraçado ser) melhor e daí a gente vai lá conferir pra saber se era melhor mesmo. E não era, óbvio. Tão óbvio quanto não conseguimos nos olhar nos olhos nas noites de conchinha, amaciados pela displicência da crença em não crer um no outro. Quando nos trairemos pelo desgosto dessa vida injusta eu não sei, e me parece um fato que a culpa será minha, afinal, como eu poderia reparar no tamanho da saia da moça ao lado? Quem deveria cuidar do meu homem sou eu. Sempre alerta a qualquer ameaça ao meu bem-estar social, ao papel que me cabe nesse contrato, ao menos tive seus filhos naturalmente. Pra você, meus sorrisos marotos de garota vadia.

Meu bem-amado, sei que não nos comportamos tão bem dessa maneira. Somos um pouco antiquados para as regras dos nossos colegas, lembra seu chefe oferecendo aquele extra por um autó-

grafo seu? Todo mundo faz por uma carne-seca no fim do mês. Você negou e prontamente o rapaz do segundo andar quis tomar um cafezinho pra fazer você dançar a dança; cheio de argumentos rasos sobre *pliés* e contratempos, o rapaz lhe fez entrar no jogo de poder. Não julgo a sua cabeça como fraca, se você não fizesse, outro o faria. Fiquei feliz que você chegou mais cedo em casa, pudemos assistir àquela série que fala dos *hipsters* diferentes mais padronizados que uniforme de presidiário estadunidense. O chefe escondido em sua própria

covardia, nós escondidos em nossa preguiça mortal de nos envolver em discussões de argumentação, sem nunca

nos ausentarmos das discussões que *provam* quem está certo. Somos covardes o suficiente para desistir de aumentar a experiência alheia sobre assunto qualquer.

Sinto sua falta para conversar abraçados sobre esses as-

como se cuspíssemos todos os dias para o alto e esperássemos a hora de melecar nossas faces. Minha mãe cobra o dinheiro emprestado para pagar a escola da pequena, eu cobro o dinheiro do lanche em estudos, você cobra atenção, mãe cobra, pai cobra. As cobras, coitadas, passam longe daquele diretor sugerindo a sua demissão dia após dia, a cada olhar, a cada tapinha nas costas do colega manipulador. Tem uma fila de outros esperando para ocupar a sua saída e a decisão de bancar a sua opinião, graças a Deus, liberou o FGTS para o haloperidol e a fluoxetina, porque ser são neste planeta parece coisa de maluco. Opa, isso não é verdade, não tem mais carteira assinada. Deixar o trabalho para

suntos, anda muito frio por aqui. O gás de casa está para acabar e relembrar de cada porta fechada por mim na saída dos vizinhos, não quero vê-los no elevador, nem mesmo tenho isqueiro para acender um cigarro e me afundar nessa muleta de solidão e tristeza. Não costumamos dizer eu te amo por ser tão precioso o amor dedicado apenas aos nossos, e diante dessa calamidade toda, eu gostaria de lhe perguntar em quem confiar além de você, talvez meus pais, talvez nossos filhos. Talvez, afinal as coisas são tão retornáveis, é quase

tomar remédios, quem diria. Nem era emprego de verdade. Nem era boa a sua arte.

Querido, estou firme para você, traga-me cotonetes porque já não posso escutar tanta barbaridade sobre a vida, sobre os males que afigem o mundo. Não consigo entender como resolvo problemas nesse caos todo, percebo o colapso chegando a cavalo e não posso ouvir meus pensamentos sem desconfiar da produção de verdades da minha cabeça, e, ainda assim, produzo. Com crises de gastrite, de diarreia, infecções urinárias, alergias e todo o resto psicossomático que me acompanhará a vida toda e é justamente por isso que eu questiono se devo continuar fazendo coisa qualquer que eu faça. A troco de quê? Entreter tantas existências palatáveis que insistem em me colocar no campo do exótico se eu decido existir onde não caibo, porque lhes causa estranhamento eu ser capaz de fazer tantas coisas quanto as pessoas que cabem nessa lógica. Ainda bem que eu sei falar três línguas, aplaudam-me de pé chocados enquanto eu tremo por rogar-lhes aceitação.

Termino essa carta com um carinho dedicado essencialmente a você, cujo desejo de viver apenas um grande amor, uma grande fantasia, uma grandiosidade tão imensa foi capaz de se autodigerir

quando lhe questionaram sobre o mau uso de sua inteligência. É um pesar perceber a confusão antiga de não a entender multiplamente, de confundi-la com excesso de informação. Vomitar palavras bonitas me parece coisa para mecanismos de pesquisas, autômatos e, se fôssemos assim, não necessitáramos agora guardar comida, estocar longe do pessoal da companhia. Fico feliz em ter levado todos os enlatados da prateleira, já lhe digo que fui capaz de calcular o preço dos produtos sozinha e, por essa tarefa realizada, não sei se caibo no exótico ou no diferente, visto que sou de humanas e isso também é tarefa para a calculadora. Talvez eu seja farinha do mesmo saco e, falando nisso, acabei com o estoque de farinha do mercado, ouvi dizer que é o que comiam no nordeste quando havia fome, agora toda a farinha dessa cidade é minha. Bom para comer com jabá. Sinto não poder concatenar melhor minhas palavras para te escrever uma carta puramente de amor. E me diga se ainda há espaço para pureza e ingenuidade em relações desconfiadas, porque eu espero honestamente que você não coma todo o macarrão quando conseguir voltar pra casa.

Com carinho,
Vida

A confiança como último recurso

Sérgio Praça



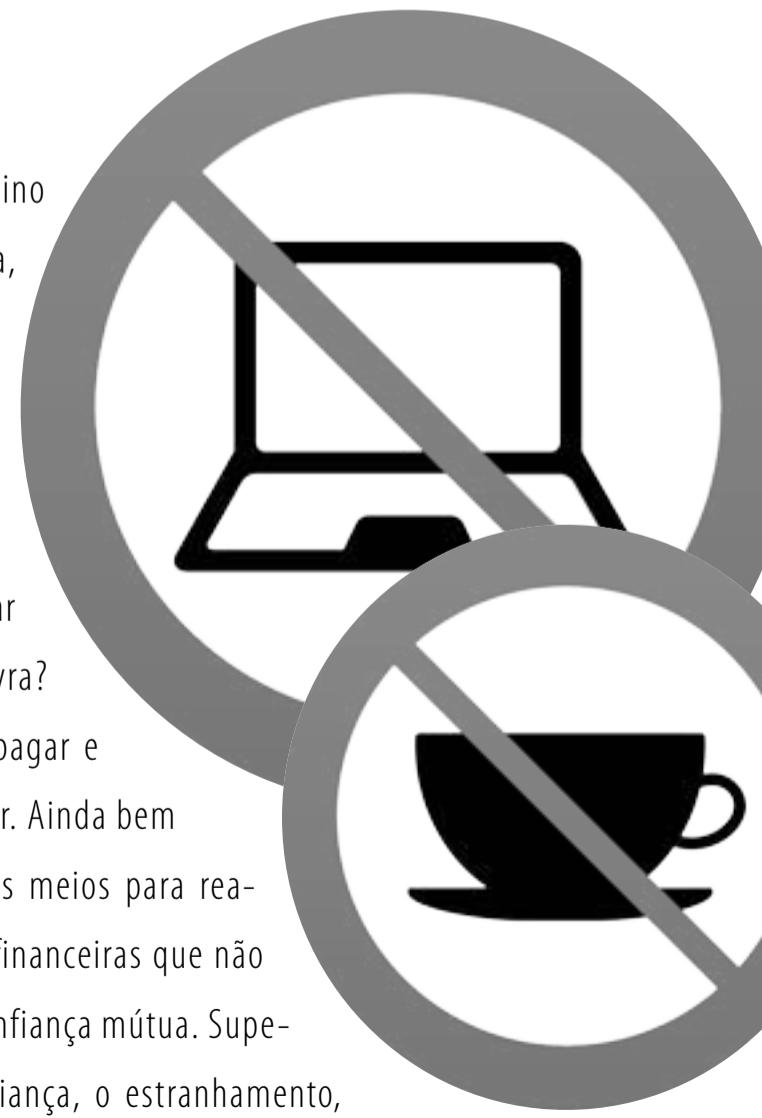
**confiança
desconfiança
sistema
financeiro
sistema
político**

Em meio a tantas regras e avisos, existe escondida uma grande desconfiança. Vivemos em um país que estimula a defensiva constante, como se encontrássemos um engano em cada esquina.

Mas e se não tivéssemos outra opção a não ser confiar mutuamente e acreditar no outro?

Há uma padaria em Perdizes, zona oeste de São Paulo, que parece não gostar muito de seus clientes. No andar de cima, onde há almoço por quilo, um aviso: "Proibido computadores nas mesas entre 11h e 16h". Não querem que as mesas sejam ocupadas por quem só foi tomar café e responder e-mails. Recado entendido. Na seção de frios, um papel diz: "Peso mínimo: 100 gramas". Quem, como eu, gosta de sanduiche de salame com queijo se frustra. 100g de salame daria para cinco refeições. É muita coisa. Mas vamos lá. No caixa, o último alerta: "Fiado? Nunca!". De todos, este é o mais razoável. Não posso pedir os dados bancários da padaria e prometer pagar na segunda-feira que vem. Pois tiro o cartão de débito do bolso a comanda que me é devolvida depois que aperto o verde na maquininha. Sem ela eu não conseguia sair.

Estamos no reino da desconfiança, mas não estranhemos. Afinal, por que o dono da padaria haveria de confiar em minha palavra? Eu poderia não pagar e nunca mais voltar. Ainda bem que temos outros meios para realizar transações financeiras que não dependem da confiança mútua. Superamos a desconfiança, o estranhamento,





E se esse sistema entrasse em colapso de repente? Não é difícil imaginar. A Venezuela, infelizmente, serve como exemplo.

com cartão de débito e cédulas. Os bancos e o governo tornam desnecessária a confiança pessoal. Para maior efeito, as assinaturas do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central constam das notas.

E se esse sistema entrasse em colapso de repente? Não é difícil imaginar. A Venezuela, infelizmente, serve como exemplo. Com a hiperinflação, carregar cédulas ficou pouco prático. Taxistas não usam máquina de débito por conta do alto custo das taxas para cada transação. Agora, muitas corridas são pagas por transferências bancárias. O passageiro pega os dados da conta do motorista e faz um "doc". Por conta do mau funcionamento da rede de celular, não é possível tirar um print da tela e mostrar imediatamente ao taxista. Ele confia na honestidade do passageiro e assim a vida continua. Há relatos, no twitter, até de empresas aéreas aceitando essa modalidade de pagamento. É isso ou nada.



Sem dúvida é um modo torto e inusitado de ressuscitar a confiança pessoal. As instituições não garantem a validade das transações. Claro que o cenário é menos positivo do que pintei até aqui. Há histórias de apartamentos surrupiados por locatários, pois ao Judiciário não interessa garantir os direitos dos donos. No regime hiper-chavista de Nicolás Maduro, toda propriedade é roubo. Mas transações menores são sustentadas pela empatia mútua dos cidadãos. A confiança é o último recurso de quem não tem governo. ■

Sérgio Praça é professor e pesquisador da Escola de Ciências Sociais do CPDOC (FGV-RJ). É também pesquisador do Centro de Política e Economia do Setor Público (Cepesp) da FGV-SP. Realizou mestrado e doutorado em Ciência Política pela USP e pós-doutorado pela FGV-SP. Seus trabalhos acadêmicos já foram publicados pelas revistas Latin American Politics and Society, Journal of Politics in Latin America, Latin American Research Review, Brazilian Political Science Review, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Novos Estudos Cebrap e Opinião Pública, entre outras. Mantém o blog "Política com Ciência" em Veja.com.



A confiança no desenvolvimento psíquico da criança - Uma visão junguiana

Patrícia Teixeira



confiança
desenvolvimento
infantil
relação
inconsciente
psicologia
junguiana

O presente artigo busca discutir a **confiança** no desenvolvimento psíquico da criança a partir de uma perspectiva junguiana, que é baseada na relação materna e que esta configurará toda relação futura com os outros.

Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da Psicologia Analítica, em sua incessante busca pelo entendimento da subjetividade, pontuou que o ego nasce do inconsciente — sede importante de todas as nossas potencialidades. É na relação materna que irá se configurar a relação posterior que a criança irá criar com o mundo. Jung buscou uma linguagem mais simbólica que alcance o inconsciente.

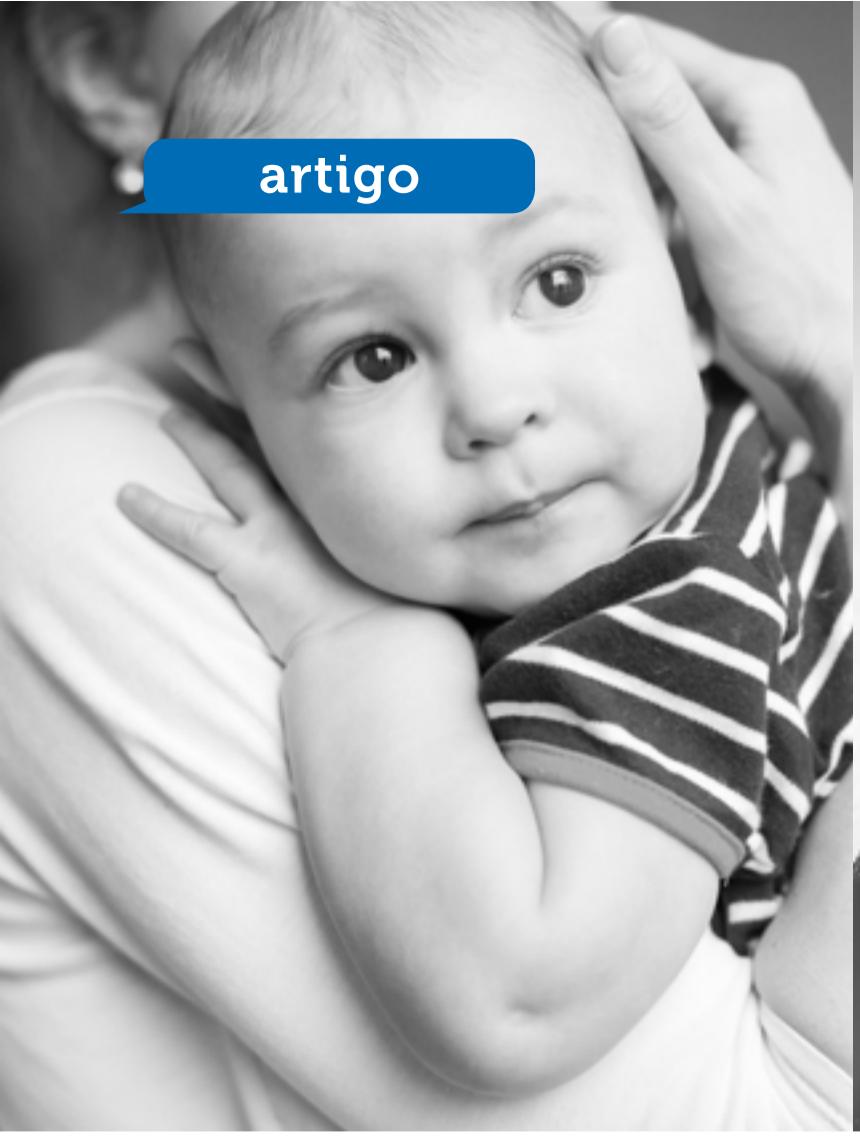
Conforme Jung (2002), nos primeiros contatos do bebê com a mãe, a relação acontece de forma simbólica, indiferenciada, o que Jung nomeou de “participação mística”. A forma como o vínculo se estabelece justifica o desejo de voltar para a caverna materna e a dificuldade de romper com o

mundo da grande mãe. É a partir dos olhos da mãe que a criança percebe o mundo. Seu inconsciente está conectado com o inconsciente da mãe e a partir desta a criança busca no alimento o amor, a proteção e principalmente a confiança. Confiar em alguém que pode cuidar dela.

Jung não escreveu sobre a psiquê na infância, tendo seus estudos focados na fase adulta. Michael Fordham e Erich Neumann foram os autores que, após Jung, escreveram sobre a infância de uma perspectiva teórica.



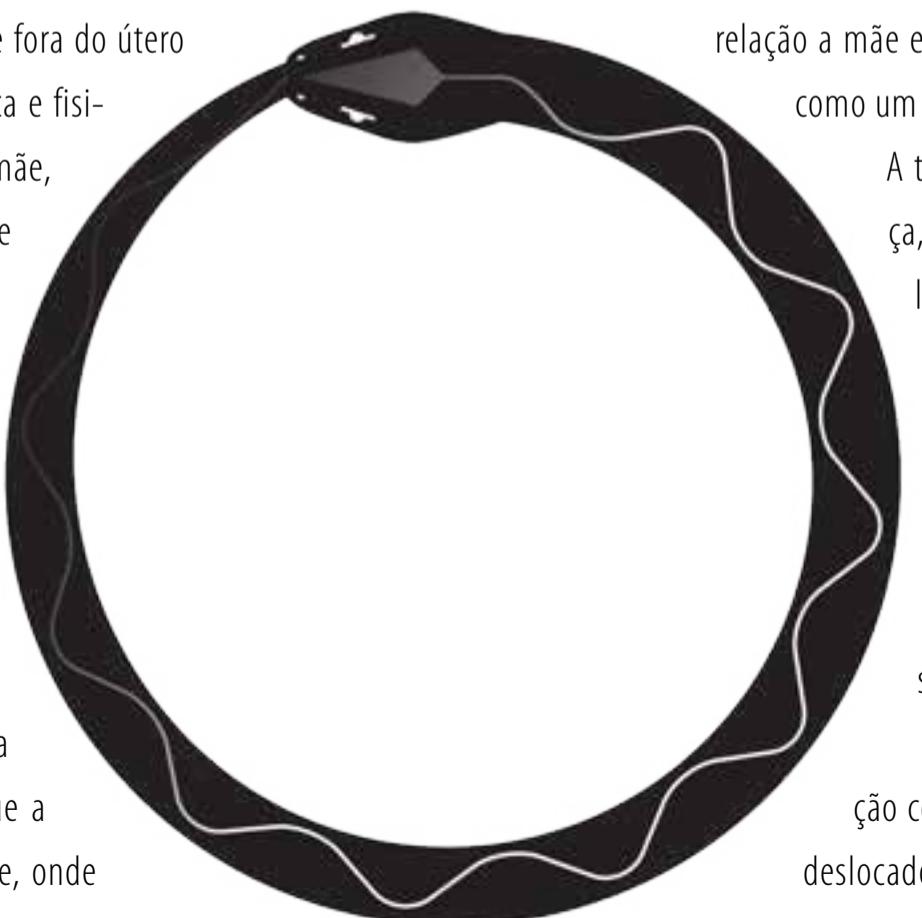
Ao nascer, a criança encontra-se ainda em um estado psíquico no qual o ego se acha contido no inconsciente, e a personalidade e o Self existem antes do ego tomar forma e desenvolver-se como centro da consciência. Conforme os estágios evolutivos, o ego não apenas toma consciência da sua própria posição e a defende com



A relação de confiança é fundamental para a criança suportar as tensões e demandas sociais.

heroísmo, mas também se torna capaz de ampliar e relativizar as suas experiências mediante modificações efetuadas pela sua própria atividade (NEUMANN, 1995, p. 25).

Segundo Neumann (1995), o ser humano é o único que necessita passar pela fase dentro e fora do útero materno, onde se encontra psíquica e fisicamente integrado ao corpo da mãe, conseguindo atingir um grau de maturidade após 22 meses do seu nascimento. A primeira fase é chamada de pré-egoica, e é representada simbolicamente pelo *uroboros* — a serpente que morde a própria cauda, simbolizando a integração dos opositos dentro da realidade psíquica, a própria totalidade, sabendo-se que a criança está imersa no *Self* da mãe, onde não existem perigos reais.



A libido, conceito instaurado por Freud (1856-1939), é uma palavra feminina que etimologicamente significa prazer. Para Jung (2002), a libido seria a energia psíquica total e, no decorrer do processo de desenvolvimento da criança, ocorre uma transformação dessa libido por meio da diferenciação entre as partes e o todo

(objeto e sujeito), auxiliando na percepção da criança em relação a mãe e ao mundo. A criança se percebe como um ego.

A transformação da libido da criança, ou melhor, do prazer pode oscilar entre a mãe que proporciona o que ela deseja em contraponto ao desconforto e desprazer nessa relação com a mãe. A criança carregará essa sensação para o resto de sua vida em todas as suas relações.

O *Self* é representado pela relação com a mãe que aos poucos vai ser deslocado para o interior da criança, fortalecendo seu ego, atingindo uma totalidade.

A criança vai construindo o sentimento de segurança nessa primeira fase; no entanto, é na segunda fase que transforma esse sentimento de segurança em confiança em relação ao "outro", uma vez que a figura materna representa este "outro" em um primeiro momento, que será deslocado para os tantos outros e a sociedade na qual ela estiver inserida.

A relação de confiança é fundamental para a criança suportar as tensões e demandas sociais. Só assim ela desenvolve um ego capaz de tolerar, assimilar e integrar as qualidades tanto negativas quanto positivas dos mundos interno e externo. Segundo Neumann (1995), "essa confiança é indispensável para a estabilidade do eixo ego-Self, que é a coluna dorsal do automorfismo individual e, posteriormente, de uma consciência e de um ego estáveis".

A partir, porém, da pós-puberdade, tal deslocamento torna-se cada vez mais lento, e desde então é sempre mais raro que novas partes da esfera inconsciente venham juntar-se à consciência (JUNG, 1988, p. 56).

O processo de desenvolvimento não acaba, pelo contrário, ele per-

corre toda a vida do indivíduo com oscilações de intensidade. A este processo chamamos de individuação, em que os símbolos da totalidade se estabelecem. A consciência, então, passa a perceber eternidade do *Self* e a se aproximar dele.

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002. NEUMANN, Erich. **A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____, Carl Gustav. **História da origem da consciência**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. ■

Patrícia Teixeira: Psicóloga junguiana, professora e diretora de teatro com especialização no método Stanislavski de Teatro pelo GITs em Moscou. Especialização em abordagem junguiana, mestre em Psicologia Clínica na área junguiana pela PUC-SP e Fundadora da Casa das Artes Coexistir.

O valor da confiança no Judaísmo



INSPIRE-C conversou com o rabino Michel Schlesinger na Congregação Israelita Paulista. Extremamente amável e com um largo sorriso, ele nos deixou à vontade para escolher o local da entrevista. Optamos pelo interior da sinagoga, que, com seu pé-direito alto e vitrais na parte central do teto, criava o ambiente ideal para uma conversa agradável e descontraída. O tema? Confiança.

Realizada em 17 de maio de 2018, na CIP (Congregação Israelita Paulista)
Entrevista: Ronaldo Assais
Fotos: Olga Vlahou

INSPIRE-C: Então, que bom que você já conhece o Clóvis (de Barros Filho)! Ele fala sobre confiança por meio de exemplos: a confiança é um valor, assim como a desconfiança. Então, quando você vê um avião, você confia que aquilo voa, não vai checar se está tudo certo. Assim como você também confia que o comandante está habilitado, apto para fazer aquele voo.

Nesse sentido, ele elabora um conceito bem simples de que confiar nada mais é que delegar algo que você não pode estar constantemente verificando. É nessa linha que o Clóvis trabalha. É bem fácil de entender. Aí vem a primeira pergunta: **Como o valor da confiança é tratado no judaísmo?**

Rabino Michel: O judaísmo construiu uma sociedade em que

o valor da confiança é absolutamente essencial. O tal do fio do bigode é o que imperava nas relações judaicas. As pessoas diziam uma às outras que iam fazer determinada coisa e aquilo era o suficiente. Tanto que os contratos eram celebrados da seguinte maneira: você tinha duas testemunhas e levantava um objeto na frente delas, e isso era um pacto. Pacto era feito desse jeito. Em hebraico, isso se chama *kinian* e permaneceu por muito tempo. Com o passar dos anos, infelizmente, a sociedade de forma geral tem tentado criar instrumentos de garantia, e penso que isso também influenciou o judaísmo.

O judaísmo de hoje também utiliza os contratos, os certificados etc. Mas acredito que o que vale, no final das contas, é a palavra, porque sabemos que quando as pessoas não querem cumprir com seus compromissos, por mais que haja papel, contrato, assinatu-



ra, garantia, elas não vão honrar aquilo que tinham combinado. Então, a palavra foi e, em minha opinião, continua sendo a maior garantia de todas. Os contratos são um mal necessário das relações anônimas, vamos dizer, do mundo contemporâneo, mas que no fim também se baseiam na honra e na palavra, porque de outra forma não serão cumpridos. Vale lembrar que Deus criou o mundo com a palavra, então a palavra tem um peso muito grande. Deus disse e o mundo passou a ser, o mundo passou a existir. Isso também é uma mensagem simbólica, metafórica, de que assim como a palavra constrói o mundo, ela também o destrói. Temos de ter uma responsabilidade muito grande em relação ao que dizemos ou deixamos de dizer. Isso é muito forte no judaísmo.

Poderíamos dizer, então, que a comunicação é fundamental para qualquer convivência e existência?

Rabino Michel: Sem dúvida. Concordo.

Inspirados pela atuação profissional do professor Cló-

vis, temos tido muitos seguidores jovens. E aí vem a pergunta: como a confiança é transmitida para os jovens?

Eu os ensino a assumirem a responsabilidade com a palavra. Na comunidade judaica, os meninos iniciam o seu caminho de amadurecimento aos 13 anos, e as meninas, aos 12. Bar-mitzvá e bat-mitzvá.

Um dos temas que nós trabalhamos muito fortemente é a questão da importância de cuidar muito bem do que se diz. Na medida em que você assume um compromisso, você tem que cumpri-lo. Até usamos um exemplo: quando você fala para a sua avó "domingo eu vou almoçar na sua casa", na verdade, está celebrando um compromisso, está fazendo uma promessa. Se você vier a não almoçar na casa da sua avó no domingo, estará quebrando um compromisso. Então, cada coisa que a gente diz é muito importante. É claro que às vezes, por circunstâncias da vida, a gente não consegue cumprir. Mas temos que ter a consciência de que as pessoas se programam em função daquilo que a gente diz. O outro terá toda uma expectativa, eventualmente vai

fazer compras e se preparar, esperando que você vá...

Ele está confiando.

Sim, está confiando que você vá. Existe uma confiança em torno daquele compromisso que você assumiu. Nós trabalhamos muito o tema da confiança e da importância de honrar aquilo que se diz.

É comum perceber que a desconfiança é o primeiro sentimento que experimentamos quando estamos encarando uma situação nova ou conhecendo uma nova pessoa. Depois a desconfiança vai dando lugar para a confiança. Você concorda com essa afirmativa? Se sim, então pergunto: é possível primeiro confiar e, se for o caso, eventualmente desconfiar?

Prefiro me decepcionar por ter confiado demais em alguém do que passar pela vida desconfiado.

Vejo dois tipos principais de pessoas na vida: as que andam pela vida desconfiadas (*risos*), achando que todo mundo vai enganá-las, e aquelas que, ao contrário, confiam nas outras. Eu prefiro o segundo caminho. Prefiro me decepcionar por ter confiado demais em alguém do que passar pela vida desconfiado. É claro que tudo isso tem limites.

A gente vive num mundo em que infelizmente há pessoas que não são bacanas, não são legais, não têm bom caráter. Mas, de modo geral, o mundo é feito por pessoas boas, gente de boa índole. Pessoas legais. Então, não se justifica, em minha opinião, passar pela vida desconfiado. Acho que a gente tem que confiar. Temos de viver confiando nas pessoas e acreditando que elas serão boas, honestas, corretas, sinceras. E no momento em que isso não acontecer, prefiro pagar o preço de me decepcio-

nar pontualmente uma vez ou outra do que viver uma vida de desconfiança.

Até dois ou três anos atrás, o professor Clóvis era muito requisitado pelas empresas para falar sobre confiança. De lá pra cá, em sua grande maioria, as empresas o chamam para falar sobre motivação. Você acha que as pessoas estão mais confiantes e menos motivadas?

Eu não saberia responder, até porque acho que quando falamos de pessoas, estamos fazendo uma gene-

Confiança e motivação são dois temas essenciais e que caminham juntos. E são, de alguma maneira, o combustível do ser humano.



ralização em que corremos o risco de errar feio. Acho que cada um é cada um, e mesmo uma pessoa mais motivada ou menos motivada, ou que tem mais confiança ou menos confiança, passa

por fases na vida. O ser humano é complexo. Então, dependendo do que eu li no jornal naquela manhã ou do que está acontecendo com a minha família, ou no meu trabalho, vou eventualmente estar menos motivado ou mais desconfiado. Acho que isso deve estar incluído na nossa forma de ler o homem. Saber que o ser humano não é o mesmo de manhã, à tarde e à noite, não é o mesmo num dia

e no outro, não é o mesmo com 20 anos e com 50 anos. A gente muda, passa por momentos diferentes, e ainda bem! Existe uma dinâmica, mas, de modo geral, acredito que todos precisam de motivação, qualquer que seja ela, para levantar de manhã e viver. E todos também precisam de confiança.

Confiança e motivação são dois temas essenciais e que caminham juntos. E são, de alguma maneira, o combustível do ser humano. É preciso acreditar que as coisas vão funcionar e dar certo, e você precisa ter uma motivação que te tire da cama todos os dias.

Você tem alguma dica sobre como a gente consegue, já no primeiro segundo, ao abrir os olhos, acordar confiante e se motivar para tocar o dia, a vida?

Existem várias receitas. A minha é acreditar que existe um algo maior, um propósito maior, um ser superior. Eu, como rabino, uma pessoa religiosa, acredito em Deus e que existe esse ser superior, que cuida de nós e nos motiva, e que motiva, inclusive, a nossa confiança. Mas acredito que mesmo pessoas que são agnósticas e que eventualmente não têm uma fé religiosa como a minha podem abraçar, por exemplo, experiências positivas que tiveram em sua vida, de ter confiado em alguém e isso ter dado certo, ter funcionado, para que isso sirva de porto seguro em um momento de crise — porque todos nós vamos passar por momentos de deceção e de crise. Em um momento desse, de deceção e crise, se eu conseguir me lembrar de que a pessoa que está na minha frente me decepcionou, mas que isso não significa que a humani-



dade como um todo é decepcionante, se eu evitar a generalização de uma experiência negativa particular para o todo, então conseguirei seguir em frente me agarrando nas boas experiências e nas vezes em que confiei e não me decepcionei.

Sem entrar no mérito da política ou de qualquer radicalização, estamos vivendo um contexto muito agitado no país. Como você olha para o que está acontecendo no Brasil, de um modo geral?

Sou um otimista incurável, e tenho que ser. Acredito que vivemos um momento de grandes desafios no Brasil, mas como toda crise, tem suas oportunidades, e de alguma maneira o que estamos vivendo na política brasileira está trazendo uma esperança. Afinal de contas, pessoas estão sendo investigadas, julgadas, condenadas por terem feito mau uso do dinheiro público, por terem enganado seus eleitores, e aí existe uma oportunidade muito grande. Uma oportunidade de fazer com que a ética seja fortalecida. Que o bem maior, o bem público, seja valorizado. Então, acredito que tudo o que estamos passando é muito dolorido, é difícil, mas já está nos conduzindo para patamares diferentes.

Iniciativas Colaborativas, Coletivas e Solidárias



São Paulo é uma imensidão. Ao prezar pela nossa rotina, muito da cidade nos escapa e locais, espetáculos, livros, conversas, curiosidades e filmes podem trazer experiências novas e diferentes com o mundo. Aqui, neste recanto, compartilharei com vocês um pouco daquilo que encontro pela cidade.

Nesta edição, trago uma entrevista com o Núcleo Mirada, um grupo de mulheres que decidiram tomar um caminho diferente para a sua criação em dança contemporânea: **juntas e de forma autogestionária**. Apresento a vocês um texto sobre o que são **empreendimentos solidários**, tratando um pouco da **responsabilidade e autoconfiança** que eles demandam. Aproveito para contar um pouquinho da experiência que tive em uma **incubadora** desse tipo de empreendimento. Também aqui temos dicas de **cursos gratuitos de empreendedorismo** e algumas **curiosidades**. Que tal?

Mainá Santana, Sub-editora de Cultura

NÚCLEO MIRADA

Por Christiana Sarasidou, Karime Nivoloni, Liana Zakia e Raissa Cintra.

O Núcleo MIRADA surgiu em 2010 com o reencontro em São Paulo das artistas Carina Nagib, Elenita Queirós, Karime Nivoloni e Liana Zakia. Todas nós tínhamos em comum a trajetória pelo curso de Dança da Universidade Estadual de Campinas e atuávamos em trabalhos diversos. Por um desejo coletivo, decidimos criar espaços de encontro que pudéssemos compartilhar nossos anseios criativos e desenvolver nossos trabalhos coletivamente, ou seja, sem ser estimuladas ou dirigidas por outra "figura" que não nós mesmas.

Temos como princípio fundamental uma forma de organização não hierárquica em que se busca o consenso nas decisões e escolhas que envolvem o desenvolvimento de nossas pesquisas em dança. Nos processos, discutimos as inquietações que nos permeiam e dão corpo a um assunto comum; isso é trabalhado nos laboratórios de criação, buscando a qualidade de presença do encontro. Nesses espaços de compartilhamento, a condição primeira é a abertura para o repertório individual em



Foto: Roni Diniz

relação ao assunto disparador e ao que ele reverbera. É nesse diálogo que emergem os apontamentos para as propostas de investigação da fisicalidade, dos impulsos de movimento e da dramaturgia. A busca por um possível modo de produção não hierárquico, de escuta, troca e soluções coletivas foi o fator motivador deste encontro, que se mantém vivo desde 2010.



Foto: Roni Diniz

Todas nós viemos de ensinos de dança formais, que já têm os seus códigos próprios e padrões preestabelecidos, e que produzem corpos habituados à reprodução e à repetição. Portanto, nem sempre fomos instigadas, nos processos de aprendizagem, a nos entendermos como corpo, como dança e como desejo criativo. Quando nos encontramos e escolhemos compor coletivamente, uma série de paradigmas já se romperam, e junto desse processo descobrimos caminhos que nem considerávamos possíveis, inclusive em termos coreográficos e dramatúrgicos.

Por outro lado, a relação que se estabelece em um coletivo não hierárquico lida o tempo inteiro com as diferentes expectativas, disponibilidades e formas de comprometimento variáveis. Isso, por vezes, gera desequilíbrios na realização das ações que compõem o cotidiano de trabalho. A prática da autogestão é tão prazerosa e libertadora quanto desafiadora e exigente, e, em termos de responsabilidades, pressupõe um comportamento proativo. Se por um lado esse exercício de democracia pode parecer difícil, por outro, trabalhar coletivamente promove uma prática dialógica pautada em ações nas quais cada indivíduo potencializa os outros e o todo.

As singularidades emergem, nutrem as relações criativas e transformam o todo em algo maior, diferente de quando o trabalho está submetido a um único olhar, a uma figura centralizadora, como coreógrafos, diretores ou diretores artísticos. Eles também podem promover experiências artísticas transformadoras, estabelecidas por provocações e procedimentos que instigam o corpo no exercício do movimento, considerando o espaço de descoberta pessoal, de superação dos próprios limites e aquisição de novas habilidades. Talvez por termos passado por experiências desse caráter é que nos sentimos encorajadas a desbravar novos caminhos.

Confiar significa acreditar que somos capazes de algo. No nosso caso, capazes de criar estratégias, caminhos e formas não fixas. Buscamos um constante movimento crítico e reflexivo ao nos relacionarmos com nossos desejos como artistas da dança, com nossas produções e com os contextos de vida nos quais estamos inseridas.

Isso por si só é um grande desafio, considerando que todas as integrantes exercem outras funções profissionais, em outros espaços da

cidade, tais como escolas, projetos, programas de formação, além de serem criadoras dentro do Núcleo. A realidade de um coletivo de dança independente traz intrinsecamente a questão da instabilidade financeira, o que determina, infelizmente, quanto podemos nos debruçar sobre nossas pesquisas.

Lá no início de nossa trajetória não tínhamos como objetivo principal viver de nossas produções, mas considerávamos que “sobreviver” de nossas produções seria consequência de um trabalho de longo prazo, realizado com toda a seriedade e competência. Portanto, importava mesmo o fato maior: que a qualidade dos nossos encontros fosse capaz de considerar todas as camadas pessoais das artistas com o maior respeito e escuta possíveis, e que nossa relação de cumplicidade se expandisse para nossos processos de criação, fortalecendo nossas ações poéticas.

Por se tratar então de um espaço de trabalho que se construiu a partir da ideia de que cada uma, ser artista autônoma, escolhesse estar, não pautada por qualquer forma de “obrigação”, as relações se configuraram fortemente por um lado afetivo, de confiança, amizade, corresponsabilidade, antes mesmo ou juntamente com o lado profissional. Isso vem gerando uma prática de constante reavaliação dos processos vividos, um exercício de nos questionarmos, de sermos honestas conosco, com as outras, de entender os diferentes momentos pelos quais temos passado, de ressignificar os porquês de ser, de revisitar, refletir para reorganizar.

Estar em coletivo nutre também o processo contrário. À medida que nos encontramos com nossos pares, que compartilhamos nossas questões, nos sentimos fortalecidas, mais capazes, mais potentes, mais confiantes. É como se pudéssemos construir um terreno de segurança, que apesar de não estável, mobiliza energias criativas, elaboração de pensamento, corpo, e que expande nossas capacidades de convivência. É muito prazeroso e gratificante poder trabalhar assim, e ainda, certamente, temos muito caminho para percorrer. Afinal, estamos a todo momento nos conhecendo, nos descobrindo, e tentando respeitar o que se refere às escolhas e momentos pessoais, que reverberam na coletividade e certamente a reconfiguram.

Criar dança. Nossos porquês têm a ver com processos artísticos que abrigam as tantas contradições desencadeadas pelos encontros da vida, permeados pelo desejo de criar, em dança. Cada uma de nós sustenta importância singular no coletivo e nos processos de elaboração, e essa relação, que se dá em colaboração, caracteriza a emergência de encontros únicos, que se desdobram na consolidação das relações entre nós. Isso reverbera na descoberta das singularidades, como acontecimento e obra, de cada processo vivido e suas resultantes criativas, inclusive do encontro com espectadores, e nos movem para possíveis redimensionamentos de nós mesmas, do coletivo, da criação e dos espaços onde atuamos.

O Núcleo MIRADA é um coletivo de pesquisa em dança contemporânea. Foi contemplado pelo Programa de Residência Artística “Obras em Construção” OngoingArtworkProjects, nas edições de 2011, 2012 e 2014 do Espaço Cultural Casa das Caldeiras, e em 2011 pelo Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna — com o projeto Epifanias Urbanas em parceria com a Cia das Atrizes. Também foi contemplado em dois editais do Proac (Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo) de criação em dança para a realização dos projetos Plataforma Cala e Resquícios Brutos. Os espetáculos circularam em cidades do interior e da Grande São Paulo. O Núcleo foi contemplado com a 18ª Edição da Lei de Fomento à Dança da Cidade de São Paulo com o projeto Rede Cala, desenvolvido no Centro de Referência da Dança de São Paulo (CBD-SP), onde atualmente é residente.

SERVICO

Residente no Centro de Residência da Dança da Cidade de São Paulo (CRD-SP)

Baixos do Viaduto do Chá, s/n – Galeria Formosa – Centro
Horário de funcionamento | De segunda a sexta, das 9h30 às 21h e sábados, das 10h às 20h30

E-mail | nucleomirada@gmail.com

facebook.com/nucleomirada

@nucleomirada

RESPONSABILIDADE EM EXPERIÊNCIAS COLETIVAS

Por Mainá Santana

Para confiar precisamos olhar primeiramente para nós mesmos. Sentir confiança no que se faz, independentemente de validação externa ou de manter um determinado modo de fazer, nos ajuda a evitar que caiamos na armadilha de diminuir a existência do outro para nos provarmos fortes. Afinal, não se pode confiar em quem julga o fazer alheio apenas para validar aquilo que é próprio. Confiar em si passa longe de firmar o seu discurso como única verdade a ser escutada e vivemos um momento em que a cultura ocidental questiona os paradigmas colocados, bem como as diversas maneiras de se relacionar. Estar atento a si, em especial nessa conjuntura, também é estar atento às mudanças rápidas que acontecem na sociedade dita pós-moderna.

Em nossa sociedade temos exemplos de diversos modos de trabalho coletivo, como os empreendimentos solidários. Estes compreendem empreendimentos permanentes organizados em cooperativas, associações, bancos, cujo espaço de decisão se propõe democrático, de modo a somar forças. Organizações em coletividade exigem a confiança de que cada um fará o que lhe toca, e é preciso confiar no outro e em si mesmo para dar conta de realizar o que precisa ser feito. Numa empresa, isso também está presente, mas adiciona-se o medo de perder o trabalho por uma demissão, entre outras regulamentações punitivas, cujos princípios foram organizados a partir de uma lógica preexistente.

Em coletividade, a frase “ninguém é insubstituível” perde a sua força. Cada sujeito é único e importante pelo que é, fato reconhecido e compartilhado por todos. Claro que as pessoas podem ir embora, mas essa é uma decisão tomada cautelosamente, não por causa de encargos e valores monetários, mas de afetos e sustentação do grupo como um todo. No que toca à partilha de resultados, ela é igualitária, o que traduz um pensamento contrário à lógica de superprodução e desgaste dos corpos, na qual se trabalha muito para ter pequenos extras que

nem sempre correspondem ao montante de trabalho. A responsabilidade sobre o trabalho é básica e absolutamente do sujeito, trazendo à tona relações menos pautadas em culpa-inocência-medo e mais interessadas em responsabilidade-parceria-crença. Problemas que surgem geralmente são discutidos em grupo, para que ações de educação possam ser fomentadas. Isso não tem julgamento moral — as pessoas envolvidas não são boazinhas; é, sobretudo, um modo ético de resolução de problemas que opera em outra lógica. Aprendemos a nos relacionar primordialmente por meio da culpa ou da vitimização, e trocar esses parâmetros é realmente difícil. Quando eu não confio no outro, eu culpo; quando eu não confio em mim mesmo, eu me vitimizo e assumo a culpa. São lados de uma moeda que todos nós carregamos e estamos sujeitos a usar. Estudar e se autoconhecer para confiar é a demanda de trabalho extra.

Os cargos, se presentes, não estão ligados a uma pessoa; é um posto a ser ocupado e geralmente com uma periodicidade definida, possibilitando alternância. Cada empreendimento tem seu regimento interno e este pode ser alterado de acordo com as necessidades do grupo, partindo das sugestões dos indivíduos. Você deve estar se perguntando: se há a possibilidade de cargos, qual a diferença entre empreendimentos solidários e empresas? Por mais que existam alguns postos que sugeram hierarquias (encarregados ou presidentes), as informações sobre o funcionamento da iniciativa, assim como sobre as ações das pessoas ocupando tais postos, são sempre comunicadas aos membros da cooperativa em assembleia, por meio de prestação de contas. A assembleia também é onde as pessoas exercem o seu poder de decisão sobre o trabalho e sobre o modo de gerir a cooperativa, tendo em vista que o empreendimento pertence a todos os membros. A ideia de que o dono da produção é um trabalhador e o trabalhador é um dos donos da produção coloca os participantes como sócios igualitários, de modo que a não consciência de pertencimento e insa-

tisfações pessoais não revertidas em questões para a coletividade geram problemas estruturais: por isso investe-se na educação. É possível traçar um paralelo ao bem público; mas me parece que não estamos, de maneira geral, dispostos a entendê-lo como de todos e sim como “de ninguém”.

Uma curiosidade é que em muitos coletivos o voto, que consideramos de maneira geral bastante democrático, é geralmente a última opção nos processos decisórios, justamente pela possibilidade de insatisfação de quem votou contra a figura ou ação eleita. Quando os empreendimentos solidários

tomam proporções maiores, o consenso leva diversas assembleias e um tempo considerável para a tomada das decisões importantes. Isso, além de cansativo para os membros, pode comprometer a viabilidade do coletivo, tendo em vista que eles geralmente se relacionam com outras empresas contratantes ou com clientes em geral. Nesses casos, várias possibilidades vêm sendo estudadas ao longo dos anos e um exemplo é a eleição de membros coordenadores, encarregados ou gestores. Ainda que esses tomem decisões menores, as ordens e instruções sempre vêm do coletivo, por meio de diretrizes compartilhadas por todos. Quando problemas mais complexos surgem, há a necessidade do chamamento de assembleia. Ainda assim, as dificuldades continuam surgindo, especialmente no que tange à entrega do poder de decisão dos sócios para os seus representantes, devido ao grande trabalho que é exercer a prática democrática.

A formação democrática dos membros é uma preocupação constante e há muito material disponível sobre o assunto, com metodologias e relatos de caso. No país existem diversas Incubadoras de



Foto: Depositphotos.com

Empreendimentos Solidários, geralmente vinculadas às universidades públicas, que disponibilizam não apenas material para estudo, como contribuem para a implantação e implementação de empreendimentos. Pude conhecer o trabalho de uma dessas Incubadoras, estagiando na meta de Cultura da, na época, INCOOP/UFSCar e, hoje, Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da Universidade Federal de São Carlos (NuMI EcoSol/UFSCar). O trabalho de professores, alunos e técnicos de diversos departamentos (Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia de Materiais, Letras, Pedagogia, Psicologia, entre outros) dava a amplitude necessária de áreas de conhecimento humano para a realização de um trabalho sólido, incubando empreendimentos solidários de várias atividades econômicas, como limpeza, alimentação, costura, mancenaria, entre outros. A Incubadora, formada por equipes de professores, estagiários, técnicos e voluntários, contribuiu para a criação e consolidação de ao menos 16 empreendimentos solidários na re-

gião de São Carlos. Também atuava como agente de articulação com o poder público, em busca de afinar e criar cadeias produtivas em ambientes urbanos e rurais.

Acreditando que ninguém conhece mais sobre o fazer específico de cada empreendimento que os próprios trabalhadores, a Incubadora tinha um olhar cuidadoso ao tratar da multiplicação do conhecimento entre os membros como parte do método de incubação. Auxiliavam os empreendimentos a horizontalizarem seus saberes por meio do compartilhamento de tabelas, documentos escritos, livros, aulas, seminários, vídeos produzidos pela Incubadora e outros parceiros. Os saberes dos professores-trabalhadores da universidade têm o mesmo valor que os saberes dos trabalhadores-professores, procurando garantir uma atmosfera justa e horizontal. Infelizmente esses não eram comportamentos esperados fora dali, e essa observação trazia materiais sobre como os empreendimentos poderiam se relacionar com o mundo "externo". A experiência dava aos trabalhadores e trabalhadoras a oportunidade de olharem para si confiando em seu saber, desencadeando uma série de comportamentos solidários e autoconfiança para não se tornarem vítimas de pessoas que não os valorizassem como deveriam.

Deixo uma citação e alguns links de coletividades para você dar



Foto: Depositphotos.com

uma olhadinha. Vale a pena conhecer outras iniciativas que fogem do nosso dia a dia.

"A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e de decisões do coletivo ao qual se está associado educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura." Paul Singer, 2002, p. 21.

CONSULTA

Paul Singer | www.numiecosol.ufscar.br/documentos/textos-economia-solidaria/introducao-a-es_paul-singer

NuMI/EcoSol - UFSCar | www.numiecosol.ufscar.br

Instituto Banco Palmas | www.institutobancopalmas.org/manifesto-20-anos-banco-palmas

Cooperativa Central de Apoio ao sistema EcoSol no Distrito Federal | www.ecosolbasebrasilia.com.br/index.php/economia-solidaria/empreendimento-solidario

GLOSSÁRIO

O **cooperativismo** fornece um modelo de organização aberta e democrática, adequada aos interesses dos trabalhadores, seja para produção, crédito, comercialização ou serviços.

A **autogestão** estabelece a qualidade democrática das relações de gestão e trabalho, adequada aos interesses dos trabalhadores, seja em cooperativas, organizações sociais ou empresas estatais.

A **economia solidária** se constitui como um campo filosófico, político, social e econômico mais adequado aos interesses dos trabalhadores, visto que nela os trabalhadores empregam os meios de produção, comercialização e crédito em função de seus interesses.

Fonte: <http://unisolbrasil.org.br>

VOCÊ SABIA?

* No portal do Sebrae você pode acessar diversos cursos, notícias e eventos: empreendedorismo, planejamento, inovação, cooperação, entre outros. Tudo on-line e o melhor, totalmente gratuito! :) Acesse: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/>

* Mais de 1 bilhão de pessoas estão ligadas ao cooperativismo. É aproximadamente um sétimo da população mundial.

* Aproximadamente 60% das residências privadas da Finlândia foram construídas por cooperativas.

* Existe no Rio de Janeiro uma Cooperativa de Produção e Gerenciamento de Energias Renováveis, no Morro da Babilônia [revolusolar. Opa, na trave!

wordpress.com]. No mesmo local havia uma Cooperativa de Reflorestamento, mas não encontrei dados confiáveis de que ela ainda esteja em funcionamento. Se você for ao Rio e descobrir, me conte!

* Para o filósofo Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.), cidadania é a "capacidade de participar na administração da justiça e no governo", e o cidadão, usufruindo de toda a sua autonomia e liberdade, poderia criar leis que beneficiassem toda a comunidade. O homem político e a cidade são um conjunto indissociável. Bonito, não é? Só vale lembrar que escravos e estrangeiros não tinham essas capacidades. Nem as mulheres. Opa, na trave!

ACONTECEU

AÇÕES PARA A CIDADANIA – MODOS DE LIDAR COM A ALTERIDADE

Falando em coletividade, a artista, pesquisadora e professora livre-docente Christine Greiner esteve no Sesc Vila Mariana discutindo alteridade. Quatro encontros marcam as formas de exercitar e refletir o olhar para e sobre o outro, buscando construir, por meio do curso, um panorama multicultural baseado em diferentes linguagens, como teatro, performance, literatura e cinema. Cada encontro puxa um tema.

Quatro encontros maravilhosos a preços populares. Vale a pena dar uma olhadinha na temática.

sescsp.org.br/aulas/156153_MODOS+DE+LIDAR+COM+A+ALTERIDADE

Terças-feiras, de 12/06 a 03/07, 19h30 às 21h30

MODA LIMPA

Este site te ajuda a encontrar fornecedores éticos de alimentos, roupas, educação, que trabalhem com materiais orgânicos, biodegradáveis, com reciclagem, entre outros. O bacana é que também tem curso e prestação de serviço, e a parte ruim é que o mecanismo de pesquisas ainda está em testes. Mas dá pra correr a lista, clicar na tag escolhida e encontrar algo do seu interesse. A certificação é a indicação de outros usuários da página; você também pode indicar algum fornecedor de qualquer área.

Fica o site: modalimpa.com.br

Gosta de escrever poesia? E de dançar, atuar, pintar? A partir das próximas edições, esta seção será exclusiva para textos dos nossos leitores! Envie o seu material com seu nome (ou pseudônimo, fique à vontade!) para que a gente publique e compartilhe na revista e em nossas mídias sociais. Todos têm arte fluindo nas veias, que tal mostrá-la para o mundo? Estamos a um clique de distância. :)

maina@revistainspirec.com.br

Priscila Pires (@priscilahbc)

Convidaram-me para ficar nesta casa
e já posso ver meu futuro
Vivo cada momento intensamente
o vento bom da varanda o acordar com
os pássaros as tardes preguiçosas cochilando

no quintal

(numa cadeira de praia que alguém esqueceu
de buscar e ficou)

entre

lençóis estendidos no varal

a busca

Gledson Martins

O mundo é natureza
Natureza é energia
Vida é energia
Energia é potência
Potência é energia que é vida
Vida é potência
Que é energia
Que varia
Variação de energia
Variação de potência
Na vida, no corpo
Potência, energia, vida, varia
Variação de energia é sentida
Sentimentos, variação de potência, de vida
Vida boa, vida farta, vida potente, vida alegre
Para buscar alegria, potência, energia, vida
Saber o que causa alegria, potência, energia, vida
Saber é conhecer, pensar
Penso na minha alegria, na minha potência
Penso para achar no mundo
Para achar, um verbo: procurar
Procurar requer movimento: tempo
Vida é movimento no tempo
Para procurar mais vida
Mais energia
Mais potência
Mas pra isso... liberdade
Liberdade pra me movimentar no tempo
Liberdade pra eu me movimentar à procura
Procurando energia
Procurando vida
Achei alegria
Ela está na minha frente
Está sorrindo
Eu achei a alegria no mundo, ela está no teu sorriso
Me alegro, porque o mundo não existe
O que vejo, o mundo que é
É só o reflexo dele projetado dentro da minha cabeça
Vejo alegria em ti
E tu estás no mundo
O mundo está na minha cabeça
Tua alegria está dentro da minha cabeça
Dentro de mim, no meu corpo

a busca (cont.)

Gledson Martins

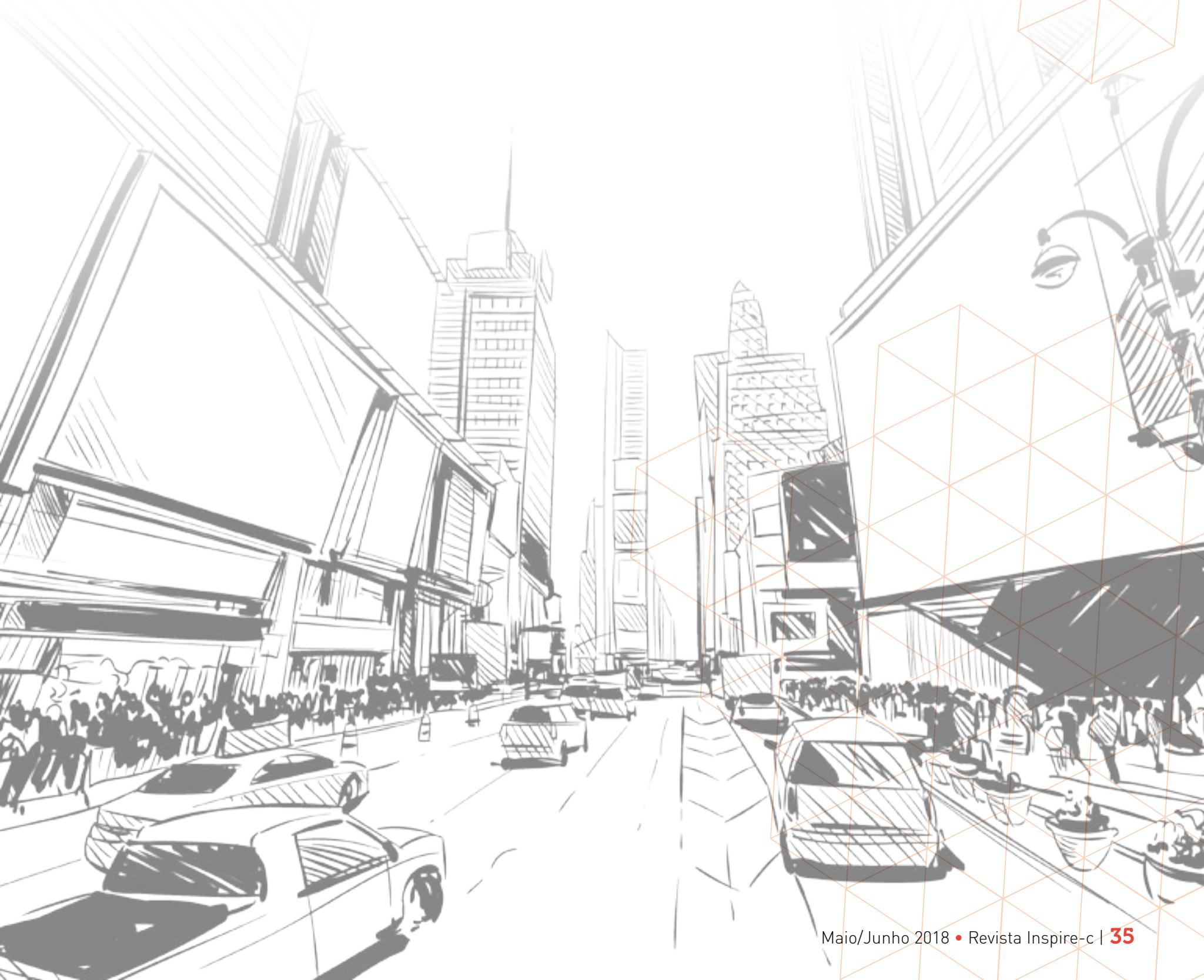
Te vejo, alegria, e ela está em mim
Tenho alegria em mim
Tenho energia em mim
Tenho potência em mim
Tenho vida em mim
Amor
Amor pelo sorriso
Amor pelo movimento
Amor pelo tempo
Amor pelo corpo
Amor pela procura
Amor pelos encontros
Amor pela liberdade
Amor pela alegria
Pela tua presença
No meu mundo
Tua presença alegre

Porque tua presença alegre
É tua presença com vida
Com potência
Porque não posso te amar na morte
Na morte não há sentimento
Não há variação
Sem potência
Sem energia
Sem vida
Só posso te amar na vida
Com energia
Com potência
Com alegria
Alegria e amor, encontradas pela liberdade

[pensamentos]

Mainá Santana

Procuro alguém pra olhar para um lado da Augusta enquanto olho o outro. Vamos atravessá-la com o sinal fechado, a gente fala "deu" e vai. Tem poucas pessoas no mundo que dá pra confiar assim.





INSPIRE-C

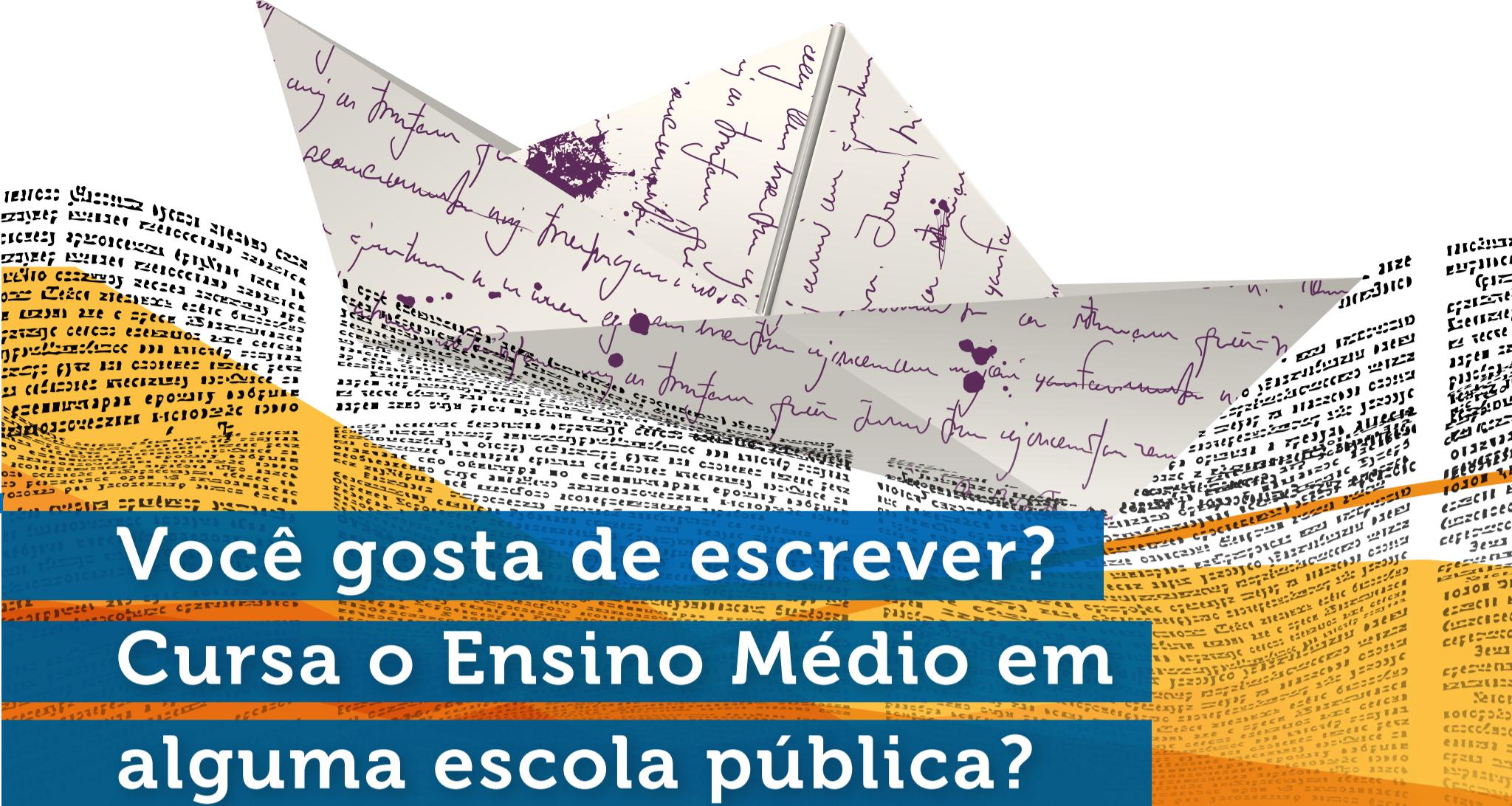
www.revistainspirec.com.br
contato@revistainspirec.com.br
Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP – CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

**Confira outros
vídeos desta edição
acessando o nosso
site:**

www.revistainspirec.com.br/videos

Realização:
espaçoéтика

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532



A Revista INSPIRE-C traz uma novidade pra você! Enviando seus textos pra gente você concorre a um NOTEBOOK, dois VALE-COMPRAS, PUBLICAÇÕES em nossa revista e mídias sociais e ainda a uma VAGA no congresso Ética nos Negócios, organizado pelo Espaço Ética! A biblioteca da sua escola também concorre a uma coleção de livros!

Acesse o site! http://www.revistainspirec.com.br/projeto_escrita.html

COMO ENVIO MEU TEXTO?

- Seu texto deverá ter entre 20 e 40 linhas.
- Você deverá escrever sobre os seguintes temas:

6ª Edição: GENTILEZA

Edição Especial: ÉTICA NOS NEGÓCIOS

- Não esqueça de preencher e anexar os três documentos (Anexo I, II e III) que estão no site da INSPIRE-C (<http://revistainspirec.com.br/escritaanexos.html>).
- Os anexos deverão ser preenchidos por você e salvos em PDF.
- Os textos deverão estar identificados com o nome completo do aluno, ano escolar, nome do professor orientador e escola.
- Portanto, seu texto e os três anexos estarão em formato PDF e deverão ser enviados por e-mail.
- Você deverá enviar seu texto e os anexos para o seguinte e-mail:

contato@revistainspirec.com.br

Buscamos aproximar o seu talento de alguns de nossos parceiros: professores universitários e dirigentes de empresas.

Realização:

INSPIRE-C

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141, Higienópolis
São Paulo, SP – CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

BESNI

INSPIRE-C

www.revistainspirec.com.br
contato@revistainspirec.com.br
Telefone: (11) 3661-7532

